

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS COM CÂNCER: UMA PROPOSTA TEATRAL HOSPITALAR

*Storytelling for children with cancer: a hospital theatrical proposal*

**Maria Jade Pohl Sanches<sup>1</sup>, Fernando Costa do Bomfim<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia (UFBA), Canela, BA, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-1696-6577>  
[jade.pohl.sanches@gmail.com](mailto:jade.pohl.sanches@gmail.com)

<sup>2</sup> Fundação Hermínio Ometto (FHO), Araras, SP, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-2614-3603>  
[fernando\\_bomfim@live.com](mailto:fernando_bomfim@live.com)

Recebido em 01 jul. 2023  
Aceito em 12 set. 2023

**Resumo:** Este artigo resulta de uma pesquisa que explorou a contação de histórias no contexto teatral, com foco em apresentações para crianças hospitalizadas com câncer. A investigação foi conduzida durante a disciplina Encenação IV da graduação em Teatro na UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) no Rio Grande do Sul. O objetivo da apresentação teatral foi estabelecer uma conexão genuína com as crianças, reconhecendo sua capacidade de tomar decisões e interagir com o mundo ao seu redor. Através da contação de histórias, buscamos aliviar seus medos e inseguranças, do teatro como ferramenta para o bem-estar emocional das crianças em situações difíceis. Demonstramos como a combinação de teatro e contação de histórias pode ser uma intervenção valiosa e inspiradora. Este estudo destaca a importância vital do teatro como uma ferramenta eficaz para melhorar o bem-estar emocional e psicológico das crianças enfrentando desafios de saúde tão complexos. Além disso, ele serve como um lembrete inspirador de como a criatividade e a expressão artística podem iluminar o caminho dessas crianças, oferecendo-lhes não apenas uma pausa das preocupações da doença, mas também a capacidade de se reconectar com sua imaginação e força interior. Essa pesquisa abre horizontes para futuras iniciativas que visem incorporar elementos teatrais e narrativos de forma ainda mais profunda e eficaz no tratamento e no apoio a crianças enfrentando situações médicas adversas.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Crianças com câncer. Teatro. Empoderamento

**Abstract:** This article results from research that explored storytelling within the theatrical context, focusing on presentations for hospitalized children with cancer. The investigation was conducted during the course "Encenação IV" within the Theater program at UFSM (Federal University of Santa Maria) in Rio Grande do Sul. The objective of the theatrical presentation was to establish a genuine connection with the children, recognizing their capacity to make decisions and interact with the world around them. Through storytelling, we aimed to alleviate their fears and insecurities, using theater as a tool for the emotional well-being of children facing challenging situations. We demonstrated how the combination of theater and storytelling can be a valuable and inspiring intervention. This study underscores the vital importance of theater as an effective tool for improving the emotional and psychological well-being of children confronting complex health challenges. Furthermore, it serves as an inspirational reminder of how creativity and artistic expression can illuminate the path for these children, offering them not only a respite from illness-related concerns but also the ability to reconnect with their imagination and inner strength. This research paves the way for future initiatives aiming to incorporate theatrical and narrative elements even more deeply and effectively in the treatment and support of children facing adverse medical circumstances.

**Keywords:** Storytelling. Children with cancer. Theatre. Empowerment.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo, partiu de uma pesquisa que foi realizada no contexto da disciplina de Encenação IV, integrante do currículo do curso de graduação em Licenciatura em Teatro da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) no Rio Grande do Sul. O objetivo foi explorar o universo da contação de histórias por meio de um texto lúdico e investigar como isso pode envolver e cativar espectadores-crianças com câncer. Para atingir esse propósito, decidimos utilizar como base o texto *Flicts*, escrito por Ziraldo (1969), que conta a história de um universo repleto de cores. Nessa narrativa, uma determinada tonalidade destoa por não pertencer ao espectro tradicional do arco-íris. Ao longo da história, essa cor em busca de sua identidade acaba por descobrir que sua verdadeira tonalidade é a cor da lua.

O desafio deste projeto residiu na pergunta: como trabalhar narração e arte teatral de maneira lúdica e potente no ambiente hospitalar de terapia intensiva? Para responder a essa questão, decidimos nos concentrar em explorar a ludicidade por meio da contação de histórias para crianças com câncer. Além de proporcionar um contato com uma obra literária de alta qualidade, buscamos estimular a imaginação das crianças, permitindo que elas não fossem apenas ouvintes passivas, mas também interagissem com a história. Para isso, disponibilizamos diversos recursos e permitimos que elas brincassem conforme elas quisessem.

Acreditamos que a contação de histórias desempenha um papel fundamental no bem-estar emocional e no desenvolvimento das crianças com câncer, proporcionando uma experiência terapêutica enriquecedora. Diversos autores destacaram a importância dessa prática. Segundo Silva e Nunes (2014), as histórias oferecem às crianças um ambiente seguro e imaginativo onde podem explorar e expressar seus sentimentos, medos e anseios. Além disso, utilizamos Abramowicz e Oliveira (2010), que ressaltam que a contação de histórias estimula a imaginação e a criatividade, permitindo que as crianças transcendam a realidade e encontrem recursos internos para lidar com desafios. Primeiramente apresentamos discussões acerca da contação de história e práticas teatrais voltadas para a terapia intensiva. Em seguida, realizamos um relato de experiência sobre a apresentação da narração junto às crianças e para finalizar defendemos a importância da contação de histórias, que oferece um espaço de escapismo e encorajamento, permitindo que os pacientes se

identifiquem com personagens que muitas vezes enfrentam desafios semelhantes aos deles.

Ao proporcionar esse tipo de experiência, espera-se que as crianças com câncer possam resgatar a autoconfiança, a imaginação e a criatividade, mesmo diante de circunstâncias difíceis como a doença. Essa identificação e empatia promovem a resiliência e a capacidade de enfrentar adversidades. Ao explorar narrativas que abordam a superação, a coragem e a esperança, as crianças com câncer podem encontrar inspiração para enfrentar sua própria jornada e fortalecer sua autoestima, como foi o caso desta aventura colorida...

### **MEU NOME É FLICTS! VOCÊ QUER SER MEU AMIGO?**

O câncer infantil é uma doença crônica não transmissível que consiste em um conjunto de aproximadamente 100 doenças. Elas são caracterizadas pelo crescimento desordenado, incontrolável e agressivo de células nos tecidos e órgãos do corpo, podendo se espalhar para diferentes regiões e causar metástase. A presença dessas células cancerosas resulta na formação de tumores malignos, também conhecidos como neoplasias malignas. É crucial diagnosticar e tratar essas condições precocemente, pois representam um sério risco de vida se não forem devidamente abordadas (BROMBERG, 1998).

No Brasil, o câncer é a principal causa de morte por doença em crianças e adolescentes. O câncer infantil abrange diversas doenças que se caracterizam pela proliferação descontrolada de células anormais em qualquer parte do corpo (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2008). Nesse sentido, a hospitalização durante a infância pode ser uma experiência potencialmente traumática, especialmente em casos graves, afastando a criança de sua rotina e ambiente familiar, expondo-a à dor, limitação física e passividade. Isso desperta sentimento de culpa, punição e medo da morte. O medo desencadeia uma série de outros sentimentos que afetam o equilíbrio psicológico e emocional da criança, dificultando seu processo de recuperação.

Nesse contexto, segundo Silva e Nunes (2014), é exigida uma adaptação do indivíduo, o que pode ser desafiador para qualquer paciente, independentemente de sua preparação para a hospitalização. Essa situação pode causar desconforto e

agravar as sensações de angústia e isolamento já existentes. A interrupção ou mudança das rotinas diárias às quais a criança estava acostumada antes da hospitalização resultam em desequilíbrio emocional, manifestando-se por meio de diversos sentimentos, como inutilidade, abandono, desesperança e tristeza.

A hospitalização provoca medo e sofrimento, frequentemente intensos, que podem afetar a saúde emocional tanto dos pacientes quanto dos familiares. O período tedioso de internação hospitalar é uma das piores experiências para uma criança, pois além de separá-la de sua família e escola, também a afasta do seu mundo imaginário (SILVA; NUNES, 2014).

Na busca pelo resgate da criatividade viva das crianças, Freitas (2010) defende que a inserção educativa do teatro no contexto hospitalar pode oferecer novas formas de sensibilização que despertem os indivíduos envolvidos. Essa abordagem tem o objetivo de revelar possibilidades alternativas de pensamento e sentimento, estimulando a criação de imagens não convencionais nos espaços que já estão sobrecarregados. Além disso, busca-se abrir espaços de diálogo nos quais as histórias dos pacientes possam ganhar materialidade por breves momentos, permitindo que, mesmo em curtos períodos de tempo, eles identifiquem afetos e os vivenciem com intensidade (FREITAS, 2010). Nesse sentido a Arte surge como possibilidade para recuperar a:

[...] alegria; descontração; melhora do ambiente hospitalar; diminuição do estresse dos pacientes e de acompanhantes, mesmo quando são considerados fatores estressantes extra doença [...] tranquilidade às mães, no caso dos pacientes pediátricos; favorecimento da relação de profissionais e estudantes com os pacientes e, até mesmo, dos pacientes uns com os outros (SATO et al., 2016, p. 128).

Outro artefato que surge como válvula de escape criativa é a contação de história, pois, ao compartilhar narrativas com as crianças, especialmente aquelas que estão passando por tratamento de saúde, é possível observar como a literatura infantil se torna um meio eficaz para expressar sentimentos, angústias e dores. Essa abordagem contribui para fortalecer as crianças, permitindo que elas enfrentem de forma mais resiliente as situações de internação e o processo de tratamento (PAULA; DAVINA, 2018). Abramovich (2004, p. 17) defende que:

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a

raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários.

Entende-se então que a literatura voltada para crianças em ambiente hospitalar desempenha um papel significativo ao desencadear um processo catártico e terapêutico. Por meio dela, é possível atenuar os sentimentos de angústia, medo, isolamento, ansiedade e fragilidade física e emocional que surgem como consequência da doença e da hospitalização. Essa forma de expressão artística oferece um alívio para as crianças, proporcionando um espaço seguro para explorar e processar suas emoções, contribuindo assim para o bem-estar e a recuperação. Em contrapartida, quando se remete à catarse, é necessário ter em mente que: “o literário não vai somente falar de amenidades e prazer, pois é função da arte revelar o homem para si mesmo, em toda a sua dimensão e amplitude, portanto, aí se inclui a dor e o amor (CAVALCANTI, 2002, p. 77).” Depende-se assim, do significado que damos às palavras que “contaremos a história”:

As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação [...] as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras [...] e isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (BONDÍA, 2002, p. 21).

Ao longo da história da humanidade, as narrativas têm desempenhado um papel significativo como ferramenta de expressão, permitindo que as pessoas criem uma sensação de identidade, estimulem seu crescimento pessoal e promovam o bem-estar físico. As histórias podem emergir de diversas origens, como o contexto cultural, a família e o indivíduo. Nesse sentido, segundo Hasse (2004), psicólogos, profissionais de saúde e outros especialistas têm recomendado e utilizado livros como meio auxiliar para auxiliar as pessoas a superarem desafios e dificuldades, envolvendo quem conta e quem escuta:

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens; mas sem perder o senso crítico, que é

estimulado pelos enredos (SILVA, 1997, p. 11).

Na disciplina Encenação IV, durante nossa peça teatral, adotamos a abordagem de utilizar histórias em conjunto com a brincadeira de faz de conta, proporcionando a participação das crianças com câncer. O brincar de faz de conta, por sua vez, possibilitou que as crianças refletissem sobre o mundo ao seu redor. Por meio dessa atividade lúdica, elas foram capazes de reconstruir elementos do ambiente, atribuindo-lhes novos significados tangíveis e imediatos. Isso lhes permitiu expressar suas próprias ideias e conhecimentos sobre si mesmas, sobre outras pessoas, sobre o mundo adulto e sobre lugares distantes ou familiares (BRASIL, 1998).

Por meio do ato de brincar, a criança encontra uma forma de expressar sua percepção de si mesma e do mundo ao seu redor. Ao engajar-se em brincadeiras, ela reproduz e recria comportamentos culturais, permitindo que o foco não esteja mais na doença e no tratamento, mas sim no mundo lúdico e nas infinitas possibilidades que o brincar oferece. É nesse contexto que, como atores e amigos, envolvemos essas crianças em uma experiência repleta de cores, apresentando um personagem que, embora triste, é engraçado e atrapalhado. Partindo da comicidade e da leveza, transportamos as crianças para um universo de aventura, incentivando-as a redescobrir suas identidades e encontrar sua própria força na lua! Sem mais delongas, convidamos todos a embarcarem nessa jornada com Flicts (ZIRALDO, 1969), vamos?

## **EU SÓ QUERIA SER ACEITO E GOSTAR DE MIM COMO EU SOU**

Iniciamos nosso relato de experiência destacando a importância da história como pano de fundo para a criação de um espetáculo. A contação de histórias desempenha um papel fundamental, principalmente porque essas histórias trazem experiências muitas vezes vivenciadas pelas crianças hospitalizadas. Foi constatado que a história que fazia muito sucesso na clínica de oncologia era o conto "*Patinho Feio*". As crianças se identificavam com essa história devido à sensação de exclusão e às dificuldades enfrentadas durante a quimioterapia. A diretora da clínica relatou que as crianças ficavam enjoadas, tinham dificuldade em comer certos alimentos e se viam amarelas devido à cor causada pelos remédios, o que as levava a se fechar para o mundo social.

Diante dessa situação, médicos e enfermeiras começaram a utilizar a contação

de histórias como uma forma de enfatizar a importância de se aceitar e socializar. Foi observado que a narrativa não só despertava esses aspectos, mas também despertava sentimentos de dor, raiva, perda, inquietação e enjoo. Após ouvirem essa história, as crianças começaram a expressar seus próprios sentimentos. A contação de histórias tornou-se uma maneira de falar sobre a dor e a trabalhar questões como pedir desculpas, se aproximar do outro e expressar o que estão sentindo no momento. Dessa forma, escolhemos a história de *Flicts* (ZIRALDO, 1969), que possui o mesmo significado do sentimento de exclusão e da dificuldade de encontrar a própria identidade e ser aceito.

"*Flicts*" é um livro infantil escrito e ilustrado por Ziraldo Alves Pinto, renomado escritor e desenhista. Publicado pela primeira vez em 1969, o livro ganhou reconhecimento internacional ao ser traduzido para diversos idiomas e receber o prestigiado prêmio Hans Christian Andersen, considerado o mais importante na literatura infantil. A obra é marcada por ilustrações coloridas e bem executadas, acompanhadas de um texto poético.

Apesar da palavra "cor" ser feminina, o personagem *Flicts* é masculino. *Flicts* é um ser triste, feio e aflito que busca um lugar para viver, mas por onde passa, é constantemente rejeitado. A história é narrada em uma sequência linear, em um espaço surreal que estimula a imaginação e a diversão durante a leitura. A linguagem utilizada pelo autor busca criar metáforas do mundo, favorecendo o autoconhecimento e o reconhecimento mútuo.

O autor aborda de forma delicada um tema bastante sensível, a cor, conferindo sentimentos a algo tão comum no universo infantil. A rejeição é retratada de maneira clara, porém, o autor utiliza vocabulário e sintaxe acessíveis às crianças, evitando confrontá-las diretamente com essa questão. A narrativa é em terceira pessoa, o que facilita a compreensão para os pequenos. A história começa com o clássico "era uma vez", o que já atrai a atenção das crianças.

As ilustrações do livro são diferentes do convencional em livros infantis, pois não representam personagens que podem ser identificados como animais, pessoas ou objetos. A simplicidade aparente das ilustrações acompanha o ritmo da história de maneira encantadora, interessante e criativa. O autor brinca com a ilustração, conferindo um ritmo único a cada página, levando o leitor a acelerar ou a parar para apreciar o que está acontecendo. Em certas páginas destacadas, *Flicts* se depara

com o arco-íris e tenta encontrar seu lugar, mas as cores se misturam e mais uma vez o deixam sem um espaço definido.

Há outro momento no livro em que uma ilustração criativa se conecta à história escrita. Trata-se da descrição das variações de cor do mar. Flicts, a cor, passa por diversas situações, lugares e encontros em busca de seu lugar, até que, no desfecho da história, ele finalmente descobre onde pertence. O autor apresenta de forma muito satisfatória aos leitores o destino final de Flicts. O livro reserva suas últimas páginas para um quadro especial contendo uma mensagem de Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua. Nessa mensagem, Armstrong afirma que "A lua é Flicts", consolidando a conexão entre o personagem e o satélite natural. Essa revelação final proporciona uma conclusão impactante e confirma o pertencimento de Flicts ao espaço lunar.

Considerando que as crianças preferiam evitar mudanças repentinas em sua rotina e não gostavam de ser surpreendidas, decidimos adotar uma abordagem cuidadosa ao convidá-las para assistir à peça intitulada "As aventuras de Flicts". Com esse propósito, elaboramos um convite delicado, no qual escrevemos a seguinte citação em tons suaves e pasteis: "Eu espero que ao ler este livro juntos, você ajude a criança especial de sua vida a navegar por esse caminho até o fim da doença com conforto, esperança e saúde (MCGRATH, 2004, p. 3)." Embora possua uma moral e um propósito pedagógico, o livro "Flicts" auxilia as crianças a compreenderem e lidarem com a rejeição social, além de enfrentarem a sensação de não se encaixar em nenhum modelo preexistente.

Em seguida fizemos uma entrevista inicial com a coordenadora da clínica de terapia intensiva sobre o público que iríamos nos apresentar, como nossa voz poderia se fazer presente naquele espaço, de modo potente, afinal: "Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 2003, p. 18)."

Buscávamos a partir de nossa voz, auxiliar a criança em sua jornada de compreensão, convivência, participação e ação no mundo. Desejávamos que a peça de Flicts despertasse emoções, oferecesse soluções não óbvias e nos comunicássemos em uma linguagem que as crianças pudessem compreender. Tivemos a ideia de promover uma interação e, que as crianças tivessem a oportunidade de explorar a fantasia, permitindo que criassem mundo repleto de

possibilidades.

Em uma entrevista inicial com a coordenadora da ala hospitalar, fomos avisados sobre algumas informações relevantes sobre o público de 07 a 10 anos de idade. Duas das crianças utilizavam cadeiras de rodas e demonstravam timidez e insegurança devido às dificuldades de locomoção. Durante a história do patinho feio (como relatado anteriormente), uma das crianças derramou lágrimas, revelando um profundo desejo de conhecer o oceano, algo que parecia impossível de ser realizado.

Outra criança compartilhou que todas as crianças no setor hospitalar apresentavam uma aparência opaca, com tons suaves, e expressou o desejo de ser uma criança colorida. Também foi mencionado que essa criança tinha uma grande admiração pela cantora Ana Vilella. Algumas crianças manifestaram o gosto por brincar com bolas e bolhas de sabão, mas foram impedidas de fazer isso no hospital devido ao barulho e à sujeira que poderiam causar. Uma das crianças mencionou sentir falta de poder se maquiar. Diante de tantos detalhes, decidimos incorporar cada um deles no espetáculo de contação de histórias para um público de 25 crianças, incluindo as mães e os profissionais de saúde.

Inicialmente, montamos um cenário composto por objetos e artefatos seguros para as crianças alérgicas. Criamos um espaço que representava o oceano, com peixes de veludo em diferentes tamanhos e cores, disponibilizamos uma mesa com bolhas de sabão e decoramos o ambiente com balões coloridos. A peça contava com dois atores e um sonoplasta. Uma das atrizes era a narradora, que se vestia de forma colorida e tocava um violão. O personagem principal, Flicts, foi introduzido na cena como um cadeirante, o que gerou uma empolgação nas crianças, que se identificavam com ele.

Ouvimos a criança que amava o oceano expressando sua alegria em ver os peixes, a criança que queria ser colorida elogiando o figurino da atriz, e algumas demonstraram interesse nos objetos, perguntando se poderiam brincar com eles. Então, iniciamos a peça com a narradora contando a história de Flicts, que havia fugido de casa em busca de sua cor. Perguntamos às crianças qual cor elas achavam que Flicts tinha (ele estava vestido com tons pastéis e opacos). Uma delas exclamou: "Ele é da nossa cor!" A história foi se desenrolando, com Flicts viajando de cadeira de rodas pelo mundo em busca de seu lugar. Em um momento de brincadeira, os atores começaram a se pintar com as cores do arco-íris, e para nossa surpresa, as crianças

subiram ao palco e se juntaram à pintura.

Ao som de música, começaram a brincar com bolhas de sabão, jogando umas nas outras. No ponto alto da cena, Flicts pediu que todos voltassem para seus lugares porque ele tinha um segredo para revelar e queria a atenção de todos. Ele começou a narrar suas aventuras no oceano e em outros lugares (mencionados pelas crianças no hospital), mas acabou descobrindo que sua cor não era comum e ficou triste, desistindo. Nesse momento, uma criança atravessou o palco, abraçou o ator e disse: "Nós vamos te ajudar!" Flicts pegou a criança no colo, olhou em seus olhos e disse: "Então venha comigo!" Logo em seguida, os dois desapareceram atrás das cortinas.

Flicts então reapareceu sem a criança e disse ao público que havia descoberto onde estava sua verdadeira cor. O menino reapareceu segurando uma grande bola de pilates coberta de cores pastéis e gritou: "A Lua é Flicts!" Outra criança exclamou: "Eu tenho a cor da lua!" Nesse momento, a atriz começou a tocar a música "Trem-Bala", de Ana Vilela, enquanto as mães choravam emocionadas, algumas abraçando seus filhos. A maioria das crianças, incluindo as duas cadeirantes, subiram ao palco para brincar com o protagonista, seguindo as palavras da cantora.

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si, é sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti. É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz. É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós, é saber se sentir infinito num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar. Então, fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar. Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu, é sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu. É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações e assim ter amigos contigo em todas as situações. A gente não pode ter tudo, qual seria a graça do mundo se fosse assim? Por isso, eu prefiro sorrisos E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim! (TREM-BALA, 2017)<sup>1</sup>

Nessa experiência artística de narração para crianças que se encontram em interação, pudemos constatar a importância de uma narrativa envolvente e interativa, adaptada às necessidades e às vivências do público-alvo. Conforme ressaltado por Ferreira (2003), essa abordagem possibilita a compreensão em diferentes camadas: a apreensão do sentido das situações apresentadas, o entendimento cognitivo relacionado às vivências cotidianas das crianças e a empatia total, na qual se reconhecem traços de personalidade dos personagens como se fossem seus próprios.

Durante o espetáculo, observamos o envolvimento emocional das crianças com

---

<sup>1</sup> <https://www.lettras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>

a história de Flicts, expressando suas alegrias, desejos e sonhos. Elas se identificaram com os personagens, inclusive com o protagonista que utilizava cadeira de rodas, estabelecendo uma conexão profunda com a narrativa. Foi gratificante constatar como a arte de contar histórias pode ser uma linguagem poderosa para estabelecer laços, despertar emoções e proporcionar momentos de felicidade e diversão, mesmo diante dos desafios impostos por um ambiente hospitalar.

Essa vivência reforçou a importância de adaptar os enredos das histórias e criar uma atmosfera lúdica e envolvente para engajar as crianças hospitalizadas. Ao levar em consideração suas necessidades, interesses e vivências individuais, podemos proporcionar uma experiência significativa e inclusiva, permitindo que explorem diversos níveis de compreensão da narrativa. Nesse momento, sentimos a importância de reconhecer a humanidade presente no teatro.

Não se trata apenas de ensinar lições ou moralidades por meio das histórias, mas de verdadeiramente conectar-se com os corações e as emoções dos espectadores. Fomos tocados pelas expressões de alegria, pelos olhos brilhantes e pelas risadas contagiantes das crianças. Foi um momento de compartilhar afeto, de criar um espaço de sonhos e imaginação, onde as crianças puderam encontrar um refúgio de alegria e esperança, mesmo que por breves instantes. Fomos abraçados, agraciados pelas lágrimas das mães e com a fala final do protagonista que disse às crianças a frase que se tornou título de seção do artigo para o encerramento desse processo...

## **E LEMBREM-SE QUE VOCÊS POSSUEM A MESMA FORÇA DA LUA!**

A resposta ao desafio de melhorar o bem-estar emocional e psicológico das crianças com câncer, consistiu em desenvolver um projeto que unisse narração e arte teatral de forma lúdica e impactante dentro do ambiente hospitalar de terapia intensiva, com o intuito de proporcionar e estimular a imaginação dos pequenos, permitindo que não fossem meros ouvintes, mas sim participantes ativos da narrativa. Para alcançar esse objetivo, disponibilizamos recursos e permitimos que cada criança brincasse de acordo com sua própria forma de expressão.

Ao respeitar as particularidades de cada criança, criamos um ambiente acolhedor e inclusivo, onde elas puderam se expressar, explorar sua criatividade e,

acima de tudo, se sentirem especiais. A arte, nesse contexto, revela sua dimensão afetiva e humanizadora, transcendendo os limites do hospital e resgatando a infância em meio a desafios e adversidades.

Enquanto as vozes da cantora ecoavam ao fundo, testemunhamos a força e a beleza desses momentos compartilhados. As lágrimas emocionadas das mães, os abraços apertados e as risadas contagiantes das crianças confirmaram que, por meio da contação das histórias, todas as crianças viraram Flicts, todos nós, artistas, mães e Flicts nos tonamos Lua.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 9. impr. São Paulo: Scipione, 2003.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 10. impr. São Paulo: Scipione, 2004.

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. de. Infância, raça e “paparicação”. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vg5K7QqcXTm9ZRfsW9WVgvj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 maio 2023.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para educação infantil**: conhecimento de mundo. Brasília, DF: Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998. v. 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BROMBERG, M. H. P. F. Cuidados paliativos para o paciente com câncer: uma proposta integrativa para equipe, pacientes e família. In: CARVALHO, M. M. M. J. de. (org.). **Psico-Oncologia no Brasil**: resgatando o viver. 1. ed. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1998. p.186-232.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v4i2.620>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FREITAS, L. H. de. O Teatro no Hospital: arte (e prazer?) no espaço da dor. **O Percevejo Online**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 1-11, jul./dez. 2010 Disponível em: <https://seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/602/597>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HASSE, M. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (Brasil). **Câncer na criança e no adolescente no Brasil**: dados dos registros de base populacional e de mortalidade. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Câncer: Coordenação de Prevenção e Vigilância de Câncer, 2008.

MCGRATH, T. **Quando você está doente ou internado**: um guia para curar crianças. Ilustrações de Robert Whitlock Alley. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora. 2004.

OLIVEIRA, B. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PAULA, E. M. A. T. de.; DAVINA, L. C. G. C. T. Literatura infantil para crianças enfermas: contribuições na formação de professores. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 29, n. 3, p. 95-107, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5095>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SATO, M. *et al.* Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 56, p.123-134, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/dvyvCQfpZCcQB8ZLVkVdLhL/?lang=pt#>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SILVA, M. B. C. **Contar histórias uma arte sem idade**. 7° ed. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, M. F. R. M.; NUNES, V. R. B. Era uma vez no hospital: contação de histórias. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**, [s. l.], p. 1-11, 2014.

TREM-BALA. [Compositor e intérprete]: Ana Vilela. Rio de Janeiro: SLAP, 2017. Música (3 min). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

ZIRALDO. **Flicts**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1969.

**Sobre os autores****Maria Jade Pohl Sanches**

Graduada no curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2015 - 2018). Graduada no curso de Pedagogia - Licenciatura Plena da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) (2019 - 2020). Graduada do curso de Educação Especial Diurno - Licenciatura Plena na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2019 - 2023). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional na Universidade Franciscana (UFN) (2021 - 2022). Mestranda em Educação com a linha de pesquisa: Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica na Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2023 - Atual).

**Fernando Costa do Bomfim**

Graduado em Biomedicina pelo Centro Universitário Hermínio Ometto. Especialista em Controle e Prevenção de Infecção Hospitalar pelo Centro Universitário Hermínio Ometto. Especialista em Biomedicina Estética. Mestre (2014) e Doutor (2018) em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar do Departamento de Cirurgia da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina (UNIFESP/EPM) na linha de Pesquisa de laser em Cirurgia com ênfase em biologia molecular.